

O circuito do futebol de Manaus

Rodrigo Valentim Chiquetto

Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana

PPGAS/USP

O Peladão é um campeonato de futebol amador que movimenta Manaus desde os anos 1970. É organizado pela Rede Calderaro de Comunicação¹ e tem como principal veículo de divulgação o caderno “Peladão Verde ”, que compõe as edições de domingo do jornal A Crítica nos meses em que ocorre o campeonato – normalmente durante o segundo semestre de cada ano. O coordenador do Peladão até a edição de 2013 foi Arnaldo Santos, importante figura do universo futebolístico manauara.

O Peladão Verde 2012², de acordo com seu extenso regulamento, foi realizado em seis categorias: Masculino, Máster, Feminino, Infantil, Indígena Masculino e Indígena Feminino. Além disso, o campeonato contou com um concurso de beleza que elegeu a rainha do Peladão e com dois campeonatos paralelos: o Peladão do Interior e o Torneio Paralelo da Rainha (disputado por equipes cujas rainhas foram bem classificadas no concurso de beleza). O campeonato contou com 24.904 jogadores inscritos em 1.172 equipes do interior e da capital³. Para os que jogaram em Manaus a coordenação disponibilizou 57 campos de futebol. Foram realizados 2.590 jogos, marcados 9.028 gols, distribuídos 6.226 cartões amarelos e 724 cartões vermelhos. A

¹ A Rede Calderaro de Comunicação foi fundada em 1949 por Humberto Calderaro Filho e é composta por três jornais impressos (A Crítica, Jornal do Comércio e Manaus Hoje), três canais de televisão (T.V A Crítica de Manaus, T.V A Crítica de Parintins, Rede T.V! Manaus), duas rádios (Rádio Jovem Pan 2 FM Manaus, Rádio A Crítica FM) e dois portais de internet (Site Tambaqui Urbano, Portal A Crítica). Sua sede se localiza na Avenida André Araújo, em Manaus. Atualmente, a rede é presidida por sua filha, Ritta Calderaro e por seu neto, Dissica Calderaro.

² O nome “Peladão Verde” é dado ao campeonato desde em 2008, com o objetivo de assimilar a marca às questões ambientais. Em outros momentos, outras marcas foram incorporadas ao Peladão, como em 2006, quando o torneio se chamava “Peladão Mavel”. Mavel é uma concessionária da Volkswagen com sede em Manaus.

³ A título de comparação, a copa Kaiser, que ocorre na capital e no interior do Estado de São Paulo, e que figura como o outro maior campeonato de futebol amador do país, contou, em 2012, com a inscrição de 384 equipes em sua série A. Outras 800 equipes disputaram uma seletiva para a serie B do campeonato. A disputa entre os dois campeonatos para se decidir qual deles é, realmente, o maior, já esteve na grande mídia, como numa reportagem do site UOL, em que os coordenadores do Peladão questionaram o recorde de público do futebol amador que teria sido batido na final da Copa Kaiser de 2012. Fonte: <http://m.esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-kaiser/ultimas-noticias/2012/11/21/recorde-de-torcida-na-varzea-de-sao-paulo-teve-metade-do-publico-de-torneio-amador-em-manauas.htm> (acessado em 13/05/2013)

comissão disciplinar se reuniu 6 vezes durante os cinco meses de duração do torneio, incluiu 65 participantes no Livro Negro e baixou um total de 70 Atos Disciplinares.

Mais do que citar números, o interesse deste artigo é apresentar, resumidamente, de que modo, por meio do futebol, os manauaras ocupam a cidade de Manaus. Assim, pretendo descrever, rapidamente, aquilo que chamo de “Circuito do futebol” de Manaus, formulado na prática do futebol amador, em campeonatos de bairro e, principalmente, durante o Peladão, atentando principalmente para os agentes desse circuito, para o que está sendo colocado em circulação e para as *habilidades* (Ingold, 2010) desenvolvidas por meio do futebol e a partir da qual os boleiros e boleiras da capital amazonense habitam, ativamente, o espaço urbano. Assim, será retratada aqui outra cidade, outra Manaus. Não aquela cidade das grandes indústrias, das grandes obras, do grande estádio da copa do mundo, mas, sim, a cidade do cotidiano, das trocas vicinais, do futebol amador. Outra Manaus do futebol.

O circuito do futebol

Looking up at the night sky, we imagine the stars to be invisibly connected by ghostly lines into constellations. Only by doing so can we tell stories about them. (INGOLD, 2007: 49)

Assim como ocorre com a criação de constelações no céu, é a partir do ato de tecer linhas de vida pela cidade que se pode criar narrativas sobre a vida urbana. Estas linhas de vida, inscritas no espaço pelos cidadãos que se movem entre *pedaços* e *manchas*, podem entendidas também, em outra terminologia (Magnani, 2002), como sendo os *trajetos* elaborados pelas diferentes pessoas que *habitam* (Ingold, 2000) a metrópole em seus diferentes coletivos, transformando-a em sua morada. Quando vistos a partir do ponto de vista do etnógrafo, estes trajetos conservam certa regularidade no espaço: as linhas de vida se emaranham em certos pontos-chave, formando alguns nós que se mantêm, conformando diferentes *circuitos*.

Em minha pesquisa ouvi muitas histórias que ligavam o futebol com as próprias histórias de vida de meus interlocutores. Era comum que os jogos de bola, as participações em diferentes equipes, as rivalidades, se misturassem com as histórias de amizade, de brigas, rompimentos. E tudo isso estava sempre ligado a determinados locais da cidade pelos quais meus interlocutores passavam comigo – o lugar causava a lembrança e a lembrança significava o local.

Houve uma vez, por exemplo, em que após um jogo da equipe Apolo F.C fui ao bar com os boleiros e lá fiquei, durante toda a tarde, ouvindo suas histórias. Os jogadores relembavam de situações das mais diversas: desde momentos marcantes para a vida ali no bairro, como a primeira vez em que mergulharam no igarapé local e perceberam que este estava poluído, até situações pessoais, envolvidas com o futebol, como quando jogaram, num campo longe dali, com uma “equipe de traficante”, foram ameaçados antes do jogo e tiveram, durante toda a partida, de lidar com o perigo da situação. Tendo findada a barca, dois jogadores, ofereceram-me carona para casa e, no trajeto, contaram-me sobre sua antiga equipe, o São Bento, ao mesmo tempo em que apontavam para os lugares do bairro que frequentavam quando ainda eram jovens.

O ato inscrever linhas de vida na cidade gera linhas narrativas sobre aqueles que circularam e continuam a circular, e o jogo de futebol é um dos principais meios pelo qual se circula. Assim, é pelo futebol que se pode criar tais histórias, que dizem muito sobre o que se pensa do mundo. Nas histórias contadas por aqueles dois jogadores que me deram carona, por exemplo, ficava clara a saudade de outros tempos, da juventude, em que a vida parecia ser mais pura, assim como a própria cidade, que agora estava mais violenta, e o próprio futebol, que foi corrompido, “modificado com o decorrer do tempo”, como disse um dos rapazes. Trata-se de uma linha narrativa sobre a vida, repleta de significados e sentimentos que se misturam e se contradizem, e que encontram sua representação nos locais da cidade que, apesar de diferentes, ainda podem ser vistos, ou naqueles que – infelizmente –, deixaram de existir.

Não é somente pelas ruas que aqueles que praticam futebol circulam. Na verdade, há outro lugar no qual estes agentes tecem suas linhas de vida e, portanto, no qual se produzem narrativas das mais variadas sobre os diversos acontecimentos que lá ocorrem. Trata-se, como não poderia deixar de ser, do próprio campo de jogo, onde a bola rola.

Ao contrário do futebol profissional, em que, como explica Toledo (2002), há três atores bem delimitados – jogadores, especialistas e torcedores –; no futebol amador estas fronteiras não são bem delineadas, uma vez que, em geral, não há clara divisão entre aquele que torce e aquele que joga. Nas peladas, as poucas pessoas que ficam às margens do campo de futebol são, na maioria das vezes, participantes das equipes para as quais torcem e nas quais jogam e, mesmo quando há alguma divisão entre torcedores e jogadores, em casos específicos, como quando o torneio do Peladão chega às fases finais e, portanto, quando os times que jogam são grandes equipes que contam com torcida, esta fronteira ainda é fluida: torcedores entram no campo, jogadores vão para as arquibancadas.

No futebol amador não é estabelecida, também, a oposição entre o campo de jogo e a paisagem urbana. A grande maioria dos campos de futebol utilizados para as partidas amadoras contam, quando muito, com uma mureta ou um alambrado que os separa da rua. Mesmo assim, a entrada e saída do campo é fluida, tanto para os jogadores quanto para quaisquer outros que queiram usufruir do espaço. Não é incomum, por exemplo, a entrada de crianças no campo, seja brincando de pega-pega, empinando pipa, batendo bola. Também é usual a presença de animais, como cachorros vira-lata, que entram no espaço do jogo durante a partida e participam de alguns lances. Os técnicos e torcedores invariavelmente invadem as quatro linhas, seja para gritar com alguém, seja para ameaçar o juiz, ou mesmo para ir às vias de fato com os jogadores da outra equipe. De modo que não há um corte radical entre o fora e o dentro de campo, entre a vida cotidiana e o jogo. Um está ligado diretamente a outro, um alimenta o outro.

Mas, na partida de futebol, há outra forma de se circular. Ali os jogadores correm, caminham, param, tocam a bola, xingam-se uns aos outros, trombam-se, cabeceiam, desferem ordens aos companheiros, ignoram ordens dos companheiros, chutam para o gol, impedem a bola de entrar no gol, fazem falta, atacam, defendem, erram jogadas, guardam sua posição. Na partida de futebol, as linhas de vida se adensam e adquirem dramaticidade e, por isso, o jogo se torna tenso e absorvente.

Antes do jogo, aqueles que praticam futebol se articulam para que a partida ocorra, formando uma equipe, conseguindo uniforme, treinando, ajuntando-se e indo para o campo; depois do jogo, todos vão para o bar, conversar sobre o que ocorreu na

partida, e passam a semana lembrando-se dos acontecimentos que lá tiveram lugar. Para aqueles que vivem o mundo do futebol amador, a relação entre o dentro e o fora das quatro linhas é tênue. Os modos pelos quais os futebolistas habitam estes espaços são, portanto, similares. No campo de jogo, desenvolve-se as *habilidades* que determinarão, em grande parte, a relação destes agentes com o mundo fora do jogo – com a família, no trabalho, na rua, com os amigos, e em tantos outros locais possíveis – e o inverso também é correto: nas relações que têm lugar fora do jogo serão desenvolvidas *habilidades* que determinarão o comportamento das pessoas em jogo.

Isso fica bastante claro em determinados casos. Há certas pessoas com as quais entrei em contato que vivem tão intensamente o *circuito* do futebol, que não é perceptível, em suas vidas, essa divisão entre o tempo do jogo e o tempo dos outros afazeres.

Uma dessas pessoas foi meu interlocutor durante a pesquisa de campo realizada em 2012. Se nome é Mozart e foi em um dos treinos da equipe Panair F.C, em que se realizava uma atividade física com os jogadores da equipe, que ele me contou um pouco sobre si mesmo: disse-me que era um zagueiro “técnico”, ou seja, que errava poucos passes. Por conta disso, ele eventualmente era também escalado na posição de meia defensivo (volante). Por outro lado afirmou que era um jogador “escroto mesmo”, pois perdia a cabeça com muita facilidade, entrando em muitas brigas, além de ficar o jogo inteiro provocando os atacantes (ficava batendo nos jogadores, xingando, dando “dedada”). Falou que muitos técnicos, quando era profissional, diziam que o contratavam só para ele não estar no time rival e que muita gente dizia que “fora do campo você é mil, mas dentro do campo você é terrível!”. Ele também era um jogador “liderança”. Por causa desse temperamento, foi capitão em todos os times em que passou. Disse que sempre foi fã do jogador Edmundo – grande atacante cujo principal apelido era “Animal”, dadas as reações violentas que tinha em campo – e que era comum, quando era jovem, imitar as ações agressivas desse jogador (se o Edmundo brigava num jogo, ele acabava brigando também), levando seu pai a jogar no lixo um pôster do jogador que ele tinha no quarto. Por causa desse seu jeito, Mozart fez muitos amigos fora de campo, mas muita gente também não gosta dele.

Este perfil parece entrar em consonância com o modo de circular pela cidade de Mozart. De fato, ele era um articulador: rodava manaus para tecer acordos com diversos

agentes, de modo a firmar-se como liderança (foi, inclusive, coordenador do centro desportivo de seu bairro). Sua habilidade em fazer amigos sobressaía-se dentro e fora do campo. Além disso, mesmo sendo extremamente amigável, Mozart, eventualmente, estourava: contou-me uma vez de uma briga que arranhou com um rapaz no posto de gasolina do bairro, o que gerou uma ação judicial contra ele, proibindo-o de chegar a 50 metros do local. Seu temperamento “escroto”, como ele mesmo disse, era o outro lado da moeda, dentro e fora de campo.

A habilidade de articular diferentes pessoas para uma causa comum parece ser a principal característica daqueles que, no *circuito* do futebol, surgem como lideranças. O feirante chamado por todos de “Chico da Manaus Moderna”, dono da equipe União da Ilha da Manaus Moderna, bi campeã do Peladão e representante do principal mercado municipal da cidade, também demonstrou essa habilidade quando levou-nos, a mim e a equipe de filmagem de um documentário sobre futebol amador, pela feira, parando em diferentes bancas de mercadoria e apresentando cada um dos patrocinadores e diretores da equipe que organizava. A camisa da equipe contava, em 2013, com vinte e cinco patrocinadores, que iam da “banca de repolho do Fábio” e do “André do Bar”, passando pelo vereador “Rozenha”, até a rede de lanchonetes “Giraffas: sanduíches e grelhados”. Como afirmou Chico, “se não botar esses patrocinadores, eles ficam chateados”. Quando perguntei se ele havia ficado mais conhecido na feira após montar o time, a resposta foi simples:

Fiquei, muito, muito mais. Não é só na feira, né? Nos outros cantos de Manaus, todo mundo hoje conhece o Chico da Manaus Moderna, todo mundo conhece. Por chamar os melhores jogadores, por fazer um bom time todos os anos... Então é conhecido, o Chico da Manaus Moderna, é conhecido, graças a Deus.

A habilidade de Chico em circular pela feira, encontrando pessoas interessadas em apoiar sua equipe era notável. Era a partir dessa habilidade que o feirante conseguia constituir diferentes alianças e criar uma equipe que, por conta de seu sucesso no Peladão, se tornava a representante de um grande número de pessoas – muitos, na feira da Manaus Moderna, vestiam a camisa da equipe no dia-a-dia e havia muitas bancas que

exibiam o símbolo do time em algum adereço. Assim, Chico se tornou uma pessoa conhecida, que se, fora de campo, agregava aliados e recebia financiamentos, dentro de campo, após cada partida, entregava, para cada jogador, um envelope com uma quantia em dinheiro já estipulada e, também, realizava discursos motivacionais aos boleiros. Era ele quem articulava, finalmente, o sistema de dádivas em sua equipe, recebendo (dinheiro) dos feirantes e dando aos jogadores por um lado, e recebendo (bons jogos) dos jogadores e dando aos feirantes, por outro. Suas habilidades de liderança eram exercidas, e se complementavam, dentro e fora de campo.

O dono da equipe Apolo F.C, Carlos, também reunia tais habilidades. No entanto, como não contava com grandes patrocinadores, apostava em relações familiares e de amizade para poder montar sua equipe. Assim que chegou ao bairro de Petrópolis, nos anos 80, Carlos conta ter feito muitos amigos e, sem perder muito tempo, criou uma liga de futebol que entrou em choque com a liga que, à época, organizava os campeonatos do bairro. Carlos contou que, na hora de se decidir qual campeonato iria, de fato, ocorrer, a maioria dos jogadores escolheu equipes da sua liga e, dos 28 times do bairro, 24 votaram para que ele assumisse a organização da Liga Desportiva de Petrópolis (LIDESP). Desde então, Carlos nunca mais deixou de organizar o campeonato do bairro.

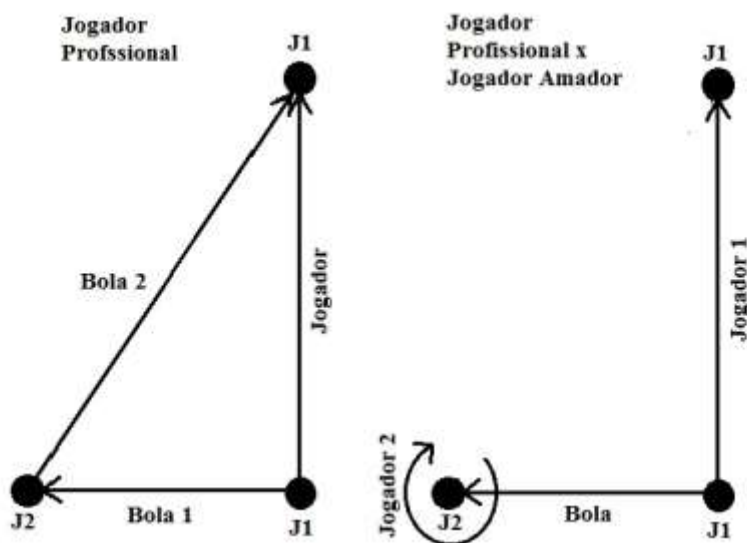
Perguntei para Carlos como ele havia conseguido arregimentar tanta gente logo que chegou, ao que me foi respondido: “É um dom que eu tenho. Onde eu chego, faço amizade!”. Quando morava em outro bairro ele também era o organizador do torneio local e, nos três anos em que esteve fora de Petrópolis, o campeonato do bairro não aconteceu. Carlos também foi líder comunitário por 4 anos, mas deixou de concorrer ao cargo porque “é muita dor de cabeça”.

Mesmo não tendo patrocinadores, Carlos desenvolveu outras estratégias para tornar-se uma liderança em seu bairro, através do futebol. Tornou-se presidente da liga, organizou campeonatos. Dentro de campo, quando jogava na lateral esquerda, ele era vítima de muitas brincadeiras por parte de seus parceiros. Mas quando deixava esta função para colocar-se na borda do campo, adquiria a prerrogativa de organizar sua equipe em jogo – algo que, muitas vezes, não era levado em conta – e, principalmente, como ficou claro no relato apresentado ao início do capítulo, adquiria a prerrogativa de substituir jogadores, ser aquele que falava na roda, ao final da partida, e comandar, nas

peladas de final de semana, “a comissão disciplinar”, que punia jogadores que haviam tomado atitudes antidesportivas.

Mas nem todos aqueles que participam do circuito do futebol têm as habilidades necessárias para entrar na rede de trocas que o futebol engendra. O caso de um jogador do Apolo F.C, Renatinho, é bom exemplo disso.

O fato de já ter sido jogador profissional e até mesmo ter passado uma – breve – temporada na Europa, não fazia de Renatinho um boleiro gabaritado para, dentro e fora do campo, tornar-se querido ou tecer bons relacionamentos com seus companheiros de Pelada. O jogador expressou isso de modo extremamente elucidativo quando desenhou, no chão de terra do campo de futebol, durante uma partida em que esperava sua vez de jogar, uma representação das diferenças entre o futebol que jogava entre os profissionais e entre os Peladeiros. Reproduzo aqui, o desenho:



Para Renatinho, no futebol profissional a relação entre jogador 1 (ele mesmo) e jogador 2 (seus parceiros de jogo) se fechava, mediada pela bola. A bola circulava entre os dois agentes, estabelecendo uma troca que, em sua experiência como jogador profissional, permitia que ele pudesse desenvolver suas habilidades em campo. Já na pelada, em que jogava um futebol cuja dinâmica de jogo era diferente daquele com o qual estava acostumado, Renatinho representou sua não-relação com os outros de sua

equipe apagando a linha que ligava o jogador 2 ao jogador 1 e desenhando um círculo em volta do jogador 2. Disso tudo, pode-se aferir algumas conclusões.

Há uma diferença, apontada por Renatinho, entre o futebol profissional e o futebol amador, no modo como a bola circula pelo campo. Seu desenho deixa claro que, no futebol profissional, os jogadores se constituem como pontos entre os quais a bola viaja. Neste mundo futebolístico em específico, o jogador é treinado, desde pequeno, a incorporar, em seus movimentos no campo, as *formas-representações* (TOLEDO, 2002) que os identificam, nos esquemas táticos, como estes pontos e que ilustram a trajetória da bola com linhas retas, o que gera desenhos geométricos similares ao demonstrado. Cria-se, assim, um tipo de jogo de “destino-orientado” (INGOLD, 2007), ou seja, no qual não importa a experiência do caminhar, mas sua finalidade. O objetivo é que a bola não seja conduzida em uma linha, mas transportada entre pontos. Os jogadores de futebol profissional são levados a ignorar, em parte, a experiência de estar em jogo, buscando, principalmente, sua finalidade maior: a estratégia, a eficiência, a otimização do tempo.

Não é de se estranhar, portanto, que Renatinho tenha dificuldades com o futebol amador: o que conta, na Pelada, não é a otimização do tempo, mas o usufruto deste tempo ao máximo possível. Assim, busca-se o gol, mas não de forma eficiente. Como diz o ex-jogador profissional, aqui “todos giram em torno da bola”. Não é, portanto, somente a bola que desenha seus traços no campo – ela parece, na verdade, muitas vezes, antes espirrar do que rolar – mas também aqueles que estão em jogo. Ali, o que conta é viver profundamente a experiência de tecer uma linha – retorcida, irregular – entrar em contato com o outro, trocar. O jogador, quando pega a bola, a quer para si – ele circula em volta de si mesmo – já que seu objetivo é carregar a bola e, com ela, costurar uma linha de vida pelo campo, formando um próto-circuito, ou tocar a bola para o outro como um ato de confiança, firmando uma relação de dar-receber-retribuir (MAUSS, 2003).

As *habilidades* de Renatinho com a bola, portanto, não o credenciavam a entrar no circuito das Peladas. Ele não fazia muitos amigos, não se sentia a vontade naquele campo de jogo. Corria reto, em vão, esperando que alguém tocasse para ele “lá na frente” quando, na verdade, deveria buscar a jogada, entremear-se pelas linhas dos outros, dentro e fora de campo. Renatinho, aliás, entrou por pouco tempo naquela

partida e, no bar – para qual ele não foi – foi considerado um cara “que não joga nada” por outro jogador, Lúcio, que se recusou, naquele jogo, a sair para dar lugar ao ex-profissional. Participar do mundo do futebol que se joga não é fácil. Deve-se saber as habilidades necessárias para se compartilhar com aqueles que estão juntos, no campo de jogo, aquela experiência. Além disso, fora do campo deve-se esforçar para tecer relações de amizade com os parceiros, fortalecendo as relações de confiança que permitirão as trocas em jogo – de passes, cobranças, xingamentos, chutes, ombradas, carrinhos, abraços, afagos.

É importante colocar aqui que, antes de indicar um pretenso fim do “verdadeiro futebol”, ou falar de um processo de “modernização do futebol”, como é bastante comum em pesquisas sobre o assunto e em mídias críticas à prática do futebol espetáculo, essa oposição estabelecida entre a prática amadora e a prática profissional indica, tão somente, modos distintos de jogar – o que faz surgir, claro, grande carga de significado para os que vivem nestes circuitos. É claro que, no futebol espetáculo, a experiência de tecer linhas irregulares não foi banida do jogo, assim como, no futebol amador, o jogo não é tão somente uma partida em que se corre em círculos sem que se busque uma finalidade para as ações, sem se refletir em termos de *formas-representação*. Esta fronteira é ainda mais porosa, principalmente quando se fala dos grandes times da várzea e das pequenas equipes do profissional – que em Manaus se aproximam ainda mais, uma vez que o futebol profissional, nesta cidade, é tido por muitos como mais amador que o futebol amador.

O que se está afirmando aqui, é que, no campo de jogo, os profissionais agem de acordo com uma vida inteira voltada – desde as categorias de base até a aposentadoria – a certo modo de praticar o futebol. Uma vida dedicada a treinos em que se desenvolve “um trabalho repetitivo, extenuante e monótono” (DAMO, 2007: 309), numa esfera “circunstancialmente mais desencantada” da prática do jogo (TOLEDO, 2002, 157), que visa, em última instância, preparar o boleiro para os as partidas propriamente ditas, em que devem desenvolver, de modo mais perfeito possível, a linguagem corporal necessária para satisfazer as expectativas de todos os outros agentes (outros *profissionais, especialistas, torcedores e dirigentes*) ligados ao campo do futebol espetáculo.

Saindo dos treinos e indo para o estádio, as coisas mudam. O que se vê é um jogo que se dramatiza e se tenciona. Quando os torcedores chegam às arquibancadas, os especialistas à suas salas e às bordas do campo, e os dirigentes à suas tribunas, centenas de linhas de vida se aglomeram. Os movimentos – dentro e fora de campo – se tornam mais imprevisíveis, irregulares. Para muitos ali – mais notadamente para os torcedores, mas também para os outros agentes, principalmente nos momentos de maior tensão da partida – o jogo é vivido intensamente. Não se pode, portanto, afirmar que o futebol profissional passou por um processo de modernização que o desencantou. O que se pode dizer, isto sim, é que há um regime de gestão dos corpos e habilidades dos boleiros – e, portanto, um regime dos movimentos, das linhas – que é organizado nesta modalidade, principalmente no momento do treino, e que a diferencia dos outros futebolis, o que cria situações de incompatibilidade como aquela vivenciada por Renatinho. Este regime segue, sim, uma narrativa e uma lógica modernas – de dividir, purificar, otimizar – o que somente esconde, como diria Latour (1996), as tantas relações não modernas – híbridas, misturadas – que o sustentam. Relações estas que, no futebol amador, não são jogadas para “baixo dos panos” e, na verdade, presidem os corpos e habilidades daqueles que, desde pequenos, jogam suas Peladas pela cidade.

É por meio do jogar bola nos diferentes campos de futebol que muita gente circula pela capital amazonense. Independentemente do campeonato em que se participa, o futebol faz com que essas pessoas caminhem pelo espaço urbano em busca de encontrar suas equipes e, quando em seus coletivos, *mandem* no lugar e saiam pela cidade, criando assim narrativas sobre sua experiência urbana e possibilitando trocas com outros tantos agentes. É por meio do *Circuito do futebol de Manaus*, constituído pelos tantos campeonatos de bairro, pelas Peladas de fim de semana, pelos bares frequentados após as partidas e, principalmente, pelos jogos do Peladão, que variados signos são negociados, trocas são realizadas, alianças são formadas, inimizades são estabelecidas, tudo por meio das *habilidades* incorporadas por meio da prática do jogo. A cidade é *habitada*. É construída, assim, na experiência cotidiana dos boleiros e boleiras manauaras, uma *Manaus do futebol*.

Bibliografia

DAMO, Arlei Sader [2007]. Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo. Ed. Ampocs

INGOLD, Tim. [2000]. *The Perception of the Environment. Essays on livelihood, dwelling and skill*. London & New York: Routledge.

_____. [2007]. *Lines: A brief history*. London & New York: Routledge.

_____. [2010]. *Da transmissão de representações à educação da atenção*. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25.

LATOUR, Bruno. [1994]. *Jamais fomos modernos*. São Paulo, Editora 34.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. [2002]. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, ANPOCS, vol. 17 No 49.

MAUSS, Marcel [2003]. Sociologia e Antropologia. São Paulo, Cosac Naify.

TOLEDO, Luiz Henrique de. [2002], *Lógicas do futebol*. São Paulo. Hucitec; Fapesp.